



SP: Construir o Comitê Estadual Contra a Repressão

Abaixo a repressão!

Liberdade imediata aos presos políticos

Fim dos processos contra estudantes e trabalhadores

Fim do genocídio da população negra, dos trabalhadores do campo e indígenas

É urgente um movimento forte e unificado contra a repressão.

É preciso unir forças. Agregar as diversas tendências políticas e movimentos sociais em torno da luta defensiva contra a repressão: o que é preciso defender é o direito elementar de mobilizar pelas reivindicações!

Nas manifestações do dia 7 de setembro, mais uma vez, a repressão surgiu com toda força. Nas jornadas de junho, a juventude foi às ruas e detonou a maior onda de protestos da história do Brasil e, como resposta, o Estado respondeu da única maneira que conhece: com repressão e mais repressão.

A repressão policial nas periferias e nas manifestações de caráter político são uma constante no país: os casos recentes de perseguição ao Black Bloc, as mortes de Amarildo e Ricardo, os assassinatos na Favela da Maré, a repressão nos atos do MPL, nos atos contra a copa e na visita do papa apenas atualizam uma infundável lista de exemplos como as ações do governo federal e da Força de Segurança Nacional nas greves das obras de Jirau e Belo Monte, e as realizadas pela PM paulista nas constantes reintegrações de posse em ocupações de moradia, como em Pinheirinho, no início de 2012, e nas intervenções em universidades, como a Unesp, em 2007 e 2013, a USP, em 2007, 2009 e 2011, e a Unifesp, repetidas vezes, desde 2007 até 2012. O acirramento da crise econômica, porém, reforça o caráter internacional do problema que enfrentamos. Tudo indica que serão necessárias muitas lutas mais. As bombas de gás que estouraram no Chile, na Turquia e no Egito são as mesmas que nos reprimem aqui. Da mesma maneira, a crise impõe um caminho para a juventude: é preciso ligar a luta dos jovens e estudantes aos trabalhadores.

Mas, para defender as condições mínimas para uma vida digna, é preciso que nos organizemos; e ao nos organizarmos – em cada ato de rua, em cada greve, em cada ocupação de universidade, em cada ocupação e greve de fábrica – sofreremos inevitavelmente a força da repressão, das reintegrações de posse, e das polícias. O Comitê Estadual contra a repressão surge para construir essa luta unificada. As tarefas desse comitê devem ser a mobilização massiva contra a repressão e a defesa coletiva – política e jurídica – a todos os processados e presos políticos. Somos centenas e a cada dia novos companheiros se tornam vítimas da polícia e da justiça, que também é um instrumento repressivo da burguesia. Depende dessa defesa se dar concretamente nas ruas a derrota da farsa jurídica que transforma vítimas da repressão em réus.

Organizemos a luta contra a repressão em nossos locais de trabalho e estudo! Nos articulemos nacionalmente!

Liberdade imediata aos presos políticos

Fim dos processos contra estudantes e trabalhadores

Fim do genocídio da população negra, dos trabalhadores do campo e indígenas

Sobretudo: sigamos na luta, continuemos nas ruas

**1ª reunião do Comitê Estadual Contra a Repressão – SP
12/09 às 19h30 No Instituto de Artes da Unesp (Barra-Funda)**

7 de Setembro:

Estado policial prende centenas de manifestantes

Salta aos olhos o número de prisões e feridos pela polícia no 7 de Setembro. Ao contrário dos tradicionais desfiles militares e os atos convocados pela igreja, marcado pelo pacifismo e pela defesa dos valores burgueses, este ano centenas foram presos nas principais capitais do país, sem contar os feridos por bala de borracha e atropelamento.

Um grande contingente de policiais foi selecionado, e sob o apoio legal que permite a prisão dos manifestantes mascarados que não acatem a ordem de identificação, o número de detidos cresceu rapidamente, muitos deles foram presos sem mesmo es-

tarem nas manifestações. Bolsas e mochilas foram revistadas. A ordem foi de reprimir.

A mídia, lacaia porta voz da burguesia, justificou a repressão policial como uma medida necessária de contenção do setor mais radicalizado. Aos “vândalos” ou “mascarados” se atribuía a violência, a responsabilidade de confronto com a polícia.

A mudança do 7 de Setembro, de atos pacíficos para atos que se propunham a ser pacíficos, mas foram marcados pela violência reacionária da polícia, mostra que as causas que levaram às mobilizações de junho ainda estão latentes. A luta de classes se acirra.

O setor mais radicalizado, que põe medo na burguesia, expressa a revolta canalizada nos ataques às instituições e aos patrimônios. As raízes dessa revolta estão na opressão de classe.

A burguesia está na ofensiva na repressão aos que se mobilizam. Os artifícios legais e o elevado número de vítimas da polícia provam isso. O avanço da crise impõe que a burguesia, para defender seus interesses e descarregar o ônus da crise nos explorados, seja ainda mais violenta.

Liberdade imediata dos presos das manifestações de 7 de Se-



tembro!

Pela constituição de uma direção revolucionária que unifique os movimentos ao redor da bandeira de Abaixo a Repressão! Que dê expressão organizada e segundo a política operária para a revolta dessa juventude valente!

Liberdade imediata aos presos por “vandalismo” no Rio de Janeiro

Em 05 de setembro, a Polícia Civil prendeu 3 e apreendeu 2 menores. Cinco jovens suspeitos por praticarem atos de vandalismo. Investigados pela CEIV (Comissão Especial de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas). Presos em flagrante delito por, supostamente, enviarem pela internet uma mensagem que instigava a utilização de um artefato (“jacaré”) nas manifestações de 07 de Setembro.

Não tardou para que a polícia de Cabral, criada em 19 de julho após as massivas mobilizações contra o aumento da tarifa, fizesse suas primeiras vítimas. Agindo conjuntamente com a DRCI (Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática) e a justiça foi emitido um mandado de busca e apreensão que autuou cinco jovens por quadrilha armada, um crime inafiançável, e por incitação à violência.

A investida de Cabral expressa a ofensiva dos órgãos de repressão ao movimento das massas. A CEIV, composta pela Polícia Civil, Polícia Militar, Ministério Público e a Secretaria do Estado do Rio de Janeiro é um organismo de “caça às bruxas”. A juven-



tude que se destacou atacando as instituições e enfrentando a polícia é alvo selecionado da repressão do Estado policial.

Não há limites para a burguesia. São jovens que foram presos inafiançavelmente pela potencialidade de um crime. Mas qual crime? O de porte um artefato supostamente ilegal, o “jacaré”. São quadrilheiros armados de paus e pregos? São estes os inimigos? A ameaça para o bem estar da população? A burguesia diz sim, babando por vê-los presos e a propriedade protegida.

Estes, taxados à rubro de “vândalos”, não são criminosos. É um setor combativo que expressa a revolta de uma juventude sem perspectiva, que em sua maioria, vem de bairros pobres onde a violência é cotidiana, seja pelo braço armado do Estado, seja pela miséria. Criminosa é a burguesia que os mantém nessa condição.

Liberdade imediata dos presos políticos!

Não à criminalização dos movimentos sociais!

Revogação imediata do decreto 44302! Fim da CEIV policial!

síria: Virar todas as armas contra o imperialismo!

Trabalhadores e juventude, os Estados Unidos estão prestes a atacar a Síria. É mais uma violação da autodeterminação dos povos! Somente os próprios sírios podem decidir sobre a guerra civil e sobre os rumos da barbárie!

Os Estados Unidos e a dupla européia, Inglaterra e França, se lançam à intervenção militar contra a Síria semicolonial. A mais recente investida do imperialismo foi na Líbia, além do envio de tropas pela França no Mali.

A Síria está prestes a suportar um ataque militar. A justificativa é a de que o governo de Bashar Al Assad foi o responsável pelo ataque com armas químicas nos arredores de Damasco, no dia 21 de agosto. Estimam-se cerca de 1.300 vítimas, entre elas crianças e mulheres. Agrava o quadro de uma guerra interna que já provocou 130 mil mortes.

Não resta dúvida de que é importante a elucidação sobre qual

dos lados fez uso da arma química. Mas não para decidir sobre o ataque das potências. Em nenhuma hipótese é admissível que o imperialismo bombardeie posições do governo. O povo sírio e os trabalhadores do mundo têm o dever de levantar a bandeira da autodeterminação da nação oprimida e rechaçar qualquer tipo de interferência externa. Não se pode admitir nenhuma justificativa para a intervenção do imperialismo. Todas as armas devem se voltar contra os Estados Unidos e seus aliados.

Trabalhadores e juventude, os Estados Unidos estão prestes a disparar seus mísseis sobre a Síria. É nosso dever revolucionário levantar a bandeira da AUTODETERMINAÇÃO DA NAÇÃO OPRIMIDA, QUE TODAS AS ARMAS SE VOLTEM CONTRA O IMPERIALISMO. Organizemos a luta em nossos países, essa é a melhor maneira de ajudar a Síria a encontrar o caminho das transformações progressivas.

**Conheça nosso programa: www.pormassas.org
Entre em contato: estudantil@pormassas.org**

Que a ANEL apoie de fato o Comitê Estadual contra a Repressão

A ANEL, na assembleia estadual de São Paulo, que ocorreu em 24 de agosto, aprovou a incorporação ao Comitê e ao Ato Estadual Contra a Repressão, no entanto se negou a contribuir financeiramente. O Comitê e o Ato foram aprovados na Plenária Estadual Contra a Repressão realizado no dia 15 de agosto, organizado especialmente pelos que estão sofrendo diretamente a violência policial, como os processados da USP, da Unifesp de Guarulhos e estudantes da Unesp. Houve também a participação ativa do movimento operário da Fluskô.

Outras assembleias ocorreram em agosto ou se realizarão em setembro em diferentes estados. Os estudantes da Anel devem se perguntar: a repressão foi tema central das discussões? Foi aprovada uma campanha em defesa dos que constantemente são alvo da polícia? Qual o apoio jurídico aos que sofrem processos criminais? Em três universidades de São Paulo, USP, Unifesp de Guarulhos e UNESP, a polícia contabiliza 317 presos desde 2008. Destes, ao menos 204 sofrem processos administrativos ou criminais. Dos mais de trezentos, uma grande parte está abandonada juridicamente, ou possui uma assistência limitada ou individualizada.

A negligência na defesa dos que são reprimidos conclui na permissão velada à própria repressão. É dever da ANEL, enquanto entidade nacional dos estudantes, defender a todos os processa-



Ato/Plenária de 15/08

dos e presos políticos, como parte da defesa à livre organização, manifestação e expressão. Como parte da defesa do movimento estudantil, pois ainda que se tente individualizar o processo e a pena, é o movimento em seu conjunto que está sendo atacado, o que impõe uma resposta de conjunto.

Que a ANEL fortaleça o Comitê Estadual Contra a Repressão no estado de São Paulo, de maneira a constituí-lo num organismo nacional.

Unifesp/Guarulhos: Fortalecer o fórum dos processados e o Comitê de mobilização para responder política e coletivamente a repressão!

O combate à repressão se dá impulsionando a luta em defesa das reivindicações!

A luta contra os processos políticos deve ser expressão da organização coletiva dos que lutam em defesa da universidade. Para isso temos a tarefa de fortalecer o fórum dos processados e o comitê de mobilização da Unifesp Guarulhos.

O campus da Unifesp de Guarulhos tem um histórico de luta em defesa da universidade pública. A reivindicação principal se deu em torno da construção do prédio, que possibilitasse as condições necessárias para estudar - com salas de aulas, laboratórios, moradia, restaurante universitário, biblioteca, creche, espaços para as entidades estudantis e etc. A mobilização dos estudantes foi acompanhada por repressão desde o início. Em 2008, um ano após a inauguração do campus, 48 dos estudantes que se levantaram contra a caricatura de universidade foram processados. A postura repressiva da burocracia e do governo demonstrou a resposta às reivindicações - ou seja, de que não as atenderiam e que os que continuassem se manifestando seriam perseguidos.

Se a construção do prédio está para ser iniciada é devido à luta dos estudantes que hoje sofrem processos. Os processados atuaram conforme decidido coletivamente nas assembleias, logo não podem responder individualmente. Em 2012, a greve que durou cinco meses foi uma decisão coletiva, que demonstrou um avanço nos métodos de luta, com ocupações e manifestações de rua - o que obrigou a casta universitária e governo tirar da gaveta o edital de licitação para construção do prédio. Por isso, a luta em defesa dos processados é parte da luta em defesa das reivindicações e dos métodos de luta do movimento. Não podemos permitir a perseguição política a nenhum estudante que se levantou em defesa do ensino. É necessá-

rio responder coletivamente ao ataque do Estado aos movimentos, fortalecendo o fórum dos processados e o comitê de mobilização, convocando as reuniões periódicas destes órgãos e exigindo que os centros acadêmicos e DCE convoquem assembleias.

Reitora da UNIFESP Soraya Smaili diz que tentará acabar os processos! Será?

Em audiência pública no campus de Guarulhos no dia 27 de agosto, a reitora Soraya Smaili, após ser pressionada por um grupo de estudantes, diz que procurará por fim aos processos levantados pela Universidade contra os estudantes. Após esta afirmação os estudantes procuraram entrar em contato com a reitora e não conseguiram.

A gestão "plural e democrática" está demonstrando o que é fazer parte da casta burocrática, que deve ser servil aos interesses do Estado. Portanto, incapaz de se opor a ofensiva repressiva dos governos. Esta gestão surgiu como uma alternativa aos médicos conservadores do campus da Vila Clementina, levando às urnas uma quantidade de funcionários e estudantes superior às eleições anteriores. Está divulgando aos quatro ventos a comissão da verdade, para tratar dos crimes da ditadura e é incapaz de fazer sequer uma nota pública em defesa dos que sofrem processos no interior da sua universidade. O que mostra ser pura demagogia!

Que a Reitora cumpra o que disse em audiência pública - Que retire todos os processos administrativos e criminais contra os que se manifestaram em defesa do ensino público!

São Paulo - Perseguição política na ETEC de Santana de Parnaíba

Diretora abre um BO contra estudante

Uma estudante, que faz parte do grêmio da ETEC de Santana de Parnaíba, está sendo perseguida politicamente pela diretora da escola. Um boletim de ocorrência contra a estudante foi aberto devido a um cartaz que denunciava essa prática autoritária. Essa perseguição não é evento novo nessa escola, membros do grêmio da gestão passada, que investigou e denunciou o desvio

de dinheiro (vindo da contribuição dos pais) tiveram a conclusão de seu curso ameaçada. Após uma forte mobilização com atos, cartazes e até mesmo vídeos que expunham o problema, o prefeito da cidade compareceu para por fim ao embate entre um grupo de jovens radicalizados e o conservadorismo autoritário da diretora.

Fim à perseguição política! Pelo direito à livre organização e manifestação!

O manifesto que segue a abaixo foi escrito pela Associação dos Professores da PUC-SP ao Ato/Plenária Estadual contra a Repressão aos movimentos sociais realizado em 15 de agosto. Trata-se de uma grande contribuição para o movimento unitário contra a repressão a todos que se mobilizam. A tendência repressiva avança, seja por parte da burocracia universitária que detém o poder, seja diretamente pela burguesia, que impõe seus interesses em detrimento das necessidades da maioria.

Trechos do Manifesto de repúdio e pela retirada imediata do processo administrativo contra a diretora da associação dos professores da PUC-SP, APROPUC-SP, Prof^a Beatriz Abramides

“As universidades privadas não estão isentas do processo repressivo de silenciamento das vozes dissonantes e que lutam em defesa de uma educação pública e gratuita para todos. Desde o início deste ano, a professora Maria Beatriz Costa Abramides, diretora da APROPUC-SP, sofre Processo Administrativo de cunho político instaurado pela reitora Anna Maria Marques Cintra, nomeada pelo Cardeal, por cima da escolha feita em eleição.[...]”

A professora está sendo julgada sob a acusação de “incontinência de conduta ou mau-procedimento”, “ato de indisciplina e insubordinação” e “incitação dos alunos para prática infracional”, com a clara intenção de eliminá-la da PUC-SP, por participar de manifestação conjunta com os estudantes no CONSUN em

27/02/13. A participação da Prof^a Beatriz Abramides, como representante da APROPUC, foi deliberada em assembleia dos docentes de 26/02/13. [...]

Essa represália fere o direito de representação, de livre manifestação e expressão. Configura-se um processo político de perseguição e punição.

Não podemos aceitar represálias e manifestações que – no interior da universidade – lutam pelo direito à livre representação e expressão. Manifestamos nosso repúdio e exigimos a retirada imediata do processo político instaurado contra a professora.

Associação dos Professores da PUC-SP
Diretoria da APROPUC

40 anos do golpe fascista de Pinochet

Em 11 de setembro de 2013, completam-se 40 anos da derrubada do governo da Unidade Popular do Chile pelo golpe contrarrevolucionário e sangrento comandado pelo general Augusto Pinochet. É motivo de repúdio com os punhos erguidos a ditadura que impôs aos chilenos 16 anos de silêncio, de perseguição ao menor gesto político e de vigilância militar ao movimento operário, camponês e estudantil. Que usou o Estado policial para retroceder as medidas tomadas pelo governo de Allende, para submeter o País aos Estados Unidos, para impor a brutal exploração do trabalho e para liquidar o ensino público chileno. Que serviu de exemplo às demais ditaduras latino-americanas e que protagonizou a Operação Condor.

Nunca a classe operária do Chile esteve em situação tão vantajosa para organizar seu poder próprio desde as fábricas e de desenvolver a luta revolucionária. Mas estava sob a direção do estalinismo e do socialismo pequeno-burguês, que juntos desviaram o curso da luta de classes, o taparam com a política de conciliação de classes e o entupiram de propaganda eleitoral. A classe operária e os demais explorados cheios de esperanças deram a vitória a Allende, ainda que com apenas 36,3% dos votos. E a UP retribuiu com manobras políticas e com a traição.

Hoje, o PS abandonou definitivamente seu esquerdismo pequeno-burguês. Acha-se completamente integrado ao Estado e age como instrumento da burguesia. O PC segue o PS, mancando por trás de sua política pró-imperialista. No lugar da Frente Popular, puseram a Concertação. Operários, demais trabalhadores e juventude, as derrotas da classe operária, pequenas ou grandes,

apenas retardam sua marcha em direção ao comunismo.

A derrubada da UP, sem dúvida, foi uma derrota dos explorados. Foi uma grande derrota! Mas essa derrota se deveu à política de conciliação de classe do PC e do PS. Esse é o grande problema deixado pelo golpe fascista de Pinochet. Diferente seria se a classe operária, sob a direção do partido revolucionário, com uma política correta, fosse derrotada numa correlação de força desfavorável. Esta logo se levantaria fortalecida, com seu programa intacto e com seu partido. O balanço seria outro. Mas a derrota no Chile não teve esse caráter. A derrota por traição destrói o pouco que se avançou no terreno da independência de classe.

A crise de direção no Chile assume um conteúdo particular. A constituição do partido revolucionário depende de uma profunda compreensão das experiências com a Frente Popular.

O sangue que escorreu do matadouro da ditadura militar de Pinochet alimentará a energia revolucionária do proletariado assim que este der um só passo em sua independência política e ideológica perante a burguesia. A revolução proletária afastará da memória o terror que se abateu sobre os explorados chilenos. Mas enquanto a bárbara burguesia não for derrotada pela insurreição vitoriosa, o terror fascista e o sangue dos combatentes alimentarão nossas convicções comunistas e serão motivos de nosso trabalho revolucionário no seio do proletariado, dos pobres e oprimidos.

Viva a revolução proletária! Construir o Partido Operário Revolucionário do Chile, como parte da construção do Partido Mundial da Revolução Socialista!